

MIGUEL ATTIE FILHO

MARCAS
E PENSAMENTOS

—

Notas a uma
História do Pensamento da Terra

—



2016

Copyright by Miguel Attie Filho

Toda propriedade intelectual é protegida pela legislação vigente de Direitos Autorais, Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, Código Civil e Lei da Criminalidade. Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados sem a expressa autorização do autor.

Depósito legal Lei nº 10.994 de 14/12/2004 e 12.192 de 14/01/2010
MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro - Brasil

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)
1ª edição 2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Attie Filho, Miguel

Marcas e pensamentos : notas a uma história do pensamento da Terra / Miguel Attie Filho. -
1. ed -- São Paulo : Ed. do Autor, 2016.

ISBN 978-85-917387-6-2

1. Antropologia Filosófica - História
2. Pensamento 3. Teoria do conhecimento I. Título.

14-12665

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

Todos os direitos reservados

ATTIE PRODUÇÕES LTDA
2016

Impresso no Brasil

Política – pelos árabes, já a partir do século IX, chegando à Europa mais de trezentos anos depois.

A segunda linha a que me refiro, ainda na tradição grega, procurou sínteses entre Platão e Aristóteles mais sistemáticas, caso em que o nome de Plotino foi um marco importante, vindo a ocupar mais a atenção do que qualquer outro do período nos livros de história da filosofia. Uma das razões para isso é que as elaborações posteriores à morte de Aristóteles que seguiram em fluxo de aproximação com o pensamento de Platão tiveram, em Plotino, uma elaboração frutífera para todo o período medieval posterior. Colocar o *pensamento* além das categorias do pensar foi, de alguma maneira, o que os escritos de Plotino suscitaram, relativizando as três vias que haviam se aberto para a questão do *pensamento*. Refiro-me às três instâncias que, em linguagem atual, seriam ditas psicológica, cosmológica e metafísica. O esquema plotiniano foi seguido em larga escala. Do ponto de vista metafísico, Plotino instaurou como que uma instância além de toda realidade material, além de toda realidade anímica e além de toda realidade inteligível, um princípio originário, único e inacessível: o uno. Foi a partir desse princípio que Plotino defendeu um sistema trino de instâncias – ou hipóstases – originário, em sequência hierárquica: a inteligência, a alma e a matéria. Vejamos uma de suas passagens:

ὁ ἐν πάντα καὶ οὐδὲ ἐν·
ἀρχὴ γὰρ πάντων, οὐ
πάντα, ἀλλᾶ ἐκείνως
πάντα· ἐκεῖ γὰρ οἶον
ἐνέδραμε· μᾶλλον δὲ
οὐπω ἐστίν, ἀλλᾶ ἔσται.
Πῶς οὖν ἐξ ἀπλοῦ ἐνὸς
οὐδεμιᾶς ἐν ταύτῳ
φαινομένης ποικιλίας,
οὐ διπλόης οὐτινος
ότουοῦν; Ἦ ὅτι οὐδὲν
ἦν ἐν αὐτῷ, διὰ τοῦτο ἐξ
αὐτοῦ πάντα, καὶ ἵνα τὸ
ὄν ἦ, διὰ τοῦτο αὐτὸς
οὐκ ὄν, γεννητῆς δὲ
αὐτοῦ· καὶ πρώτη οἶον
γέννησις αὕτη ὄν γὰρ
τέλειον τῷ μηδὲν ζητεῖν
μηδὲ ἔχειν μηδὲ δεῖσθαι
οἶον ὑπερέρρη καὶ τὸ
ὑπερπλήρες αὐτοῦ
πεποίηκεν ἄλλο· τὸ δὲ
γενόμενον εἰς αὐτὸ

O uno é todas as coisas e não é nenhuma delas. O princípio de todas as coisas não pode ser todas as coisas. Ele é todas as coisas somente no sentido de que todas as coisas coexistem nele, mas, nele, elas não são, ainda, elas serão. Como, pois, do uno, que é simples, idêntico, que não contém nenhuma diversidade nem dualidade, a pluralidade dos seres pode sair? É porque não há nada nele que esteja em vias de vir a ser. Para que o ser fosse, seria preciso que o uno não fosse o ser, mas que ele fosse o gerador do ser, e que o ser fosse o seu primeiro nascido. Como o uno é perfeito, e que ele não adquire nada, que ele não tem necessidade nem desejo, ele desbordou, por assim dizer, e esse desbordar produziu uma natureza diferente. Tal natureza diferente do uno

ἐπεστράφη καὶ
ἐπληρώθη καὶ ἐγένετο
πρὸς αὐτὸ βλέπον καὶ
νοῦς οὗτος. Καὶ ἡ μὲν
πρὸς ἐκεῖνο στάσις
αὐτοῦ τὸ ὄν ἐποίησεν, ἡ
δὲ πρὸς αὐτὸ θέα τὸν
νοῦν.

Ἐπεὶ οὖν ἔστι
πρὸς αὐτό, ἵνα ἴδη, ὁμοῦ
νοῦς γίγνεται καὶ ὄν.
Οὗτος οὖν ὢν οἶον
ἐκεῖνος τὰ ὅμοια ποιεῖ
δύναμιν προχέας πολλήν
“ εἶδος δὲ καὶ τοῦτο
αὐτοῦ “ὥσπερ αὖ τὸ
αὐτοῦ πρότερον
προέχεε· καὶ αὕτη ἐκ τῆς
οὐσίας ἐνέργεια ψυχῆς
τοῦτο μένοντος ἐκείνου
γενομένη· καὶ γὰρ ὁ
νοῦς μένοντος τοῦ πρὸ
αὐτοῦ ἐγένετο.

voltou-se para ele, e, por sua conversão, chegou à plenitude [de ser], depois teve a potência de contemplar a si mesma, e, assim, determinou-se como *inteligência* (*nous*). Enfim, fixando-se em si mesma para se contemplar, ela tornou-se o ser e a *inteligência* (*nous*), simultaneamente.

Do mesmo modo que o uno, a *inteligência* (*nous*), por eflúvio de sua potência, engendrou algo semelhante a si. Da *inteligência* procedeu uma imagem, como do uno procedera uma *inteligência*. O ato que procede do ser [e da *inteligência*] é a alma universal. Ela nasce da *inteligência* e ela se determina sem que a *inteligência* saia de si mesma, tal como a própria *inteligência* procedeu do uno sem que o uno sáisse de seu repouso³⁴.

Se mantenho no horizonte de minha leitura que, em Aristóteles, o *nous* – *inteligência*, *pensamento* ou *espírito* – em seu mais alto grau seria *inteligência de inteligência*, limite de toda realidade, na passagem de Plotino, o nível da *inteligência* foi colocado abaixo de outra realidade, na medida em que, além de todo *nous* – *inteligência*, *pensamento* ou *espírito* – haveria algo, o uno, o fundo a partir do qual tudo teria origem. Se for aceito que tudo teria procedência do uno e a ele retornaria – céus e terra e todos os existentes –, então, a rota dos humanos seria, necessariamente, retornar ao uno. Nesse sentido, mais do que instâncias materiais, anímicas ou intelectivas, o humano deveria espelhar-se no uno, esvaziando-se de todas as formas que haveria dentro de si, inclusive as inteligíveis, retornando, assim, ao seu princípio originário.

Εἰ δὲ τοῦτο, πάντων τῶν
ἔξω ἀφεμένην δεῖ
ἐπιστραφῆναι πρὸς τὸ
εἶσω πάντα, μὴ πρὸς τι
τῶν ἔξω κεκλίσθαι, ἀλλὰ
ἀγνοήσαντα τὰ πάντα
καὶ πρὸ τοῦ μὲν τῇ
διαθέσει, τότε δὲ καὶ
τοῖς εἶδεσιν, ἀγνοήσαντα
δὲ καὶ αὐτὸν ἐν τῇ θέρᾳ
ἐκείνου γενέσθαι,

Assim, depois de se privar de todas as coisas exteriores, a alma se voltará inteiramente para o que há de mais íntimo nela mesma, sem se deixar desviar pelas coisas que a cercam, ela irá ignorar todas as coisas, primeiramente, pelo próprio efeito do estado no qual ela se encontra, em seguida, pela ausência de toda concepção das formas, ela

κάκεινφ συγγενόμενον		permanecerá	na
καὶ ἱκανῶς οἶον		contemplação	do uno,
ὀμιλήσαντα ἤκειν		unindo-se a ele,	depois de
ἀγγέλλοντα, εἰ δύναιτο,		ter	permanecido
καὶ ἄλλφ τήν ἐκεῖ		suficientemente	com ele, ela
συνουσίαν		virá revelar	aos outros, se
		puder,	essa troca celeste ³⁵ .

Há uma importância suplementar no sistema de Plotino, na medida em que ele insiste na afirmação do uno como origem do fluxo do ir e vir da existência, como uma realidade além da *inteligência (nous)*. Esse tipo de cosmovisão recolocou a discussão para se saber se o *pensamento* seria a última instância da realidade, o topo ao que o humano poderia chegar. Nesse sentido – como pretendo elucidar mais à frente –, o esquema geral do tipo de pensamento místico teve aí um grande auxílio, incorporando tal premissa, transformando-a no propósito último de muitas de suas práticas místicas e, ainda, valendo-se disso para criticar as bases de pensamento dos seguidores de Aristóteles, geralmente, identificados na tradição árabe e latina como o grupo dos peripatéticos.

O pensamento interior

Livros de história da filosofia encerram o período da Antiguidade, geralmente, com Plotino, ao mesmo tempo em que procuram traçar sua